



José Godoy

é escritor, autor de *As Dicas do Sr. Alceu*, e um dos âncoras do programa *Fim de Expediente*, da Rádio CBN

ECOS DO FIM DE UMA ESPÉCIE

No início do Upper West Side, de Manhattan, uma sequência que não chega a dez quadras oferece uma quantidade impressionante de atrações culturais de altíssimo nível.

Partindo de Columbus Circle, na polêmica nova sede do MAD (Museu de Arte e Design), de onde se vê nos seus andares envidraçados a Broadway deslizando em sua segunda natureza, muito distinta do carrossel luminoso que marca o Midtown subindo em direção ao Harlem. O Museu é acompanhado, à esquerda, pelo Time Warner Building, sede do “Jazz at Lincoln Center”, o complexo de salas de shows e cursos, capitaneado por Winton Marsalis, marco na valorização do gênero musical na cultura do país. Poucas quadras acima é o Lincoln Center que principia a oferecer num mesmo espaço físico alguns dos corpos estáveis mais importantes das artes mundiais – do The New York City Ballet ao Met, a sede da companhia de ópera da cidade, do Avery Fisher Hall, casa da Filarmônica de Nova York a Juilliard, uma das mais prestigiosas escolas de música do mundo. E, se o que atrai é o melhor da safra cinematográfica, basta atravessar a avenida e adentrar no Lincoln Plaza. O charmoso conjunto de salas, que ainda resiste aos *multiplexes* e seus filmes de muitos decibéis, oferece cinema para gente que pensa.

Essa caminhada ínfima em deslocamento, imensa em horas de fruição, encerrava-se na *megastore* da Barnes & Nobles da Rua 66, a mais charmosa loja da rede de livrarias, que encerrou suas atividades em janeiro último. E que por um bom tempo foi vizinha do enorme acervo musical da Tower Records.

Pelo visto, a instabilidade econômica e a avalanche digital

combinadas vão demolindo o mercado livreiro nos Estados Unidos. Ou, ao menos, o mercado livreiro como o concebíamos. Colocando em maus lençóis suas duas maiores redes: Barnes & Nobles e Borders, concordatária desde fevereiro.

Para os frequentadores contumazes de livrarias, as mudanças nas últimas décadas seguem numa velocidade que não é comum ao mundo dos livros. Afinal, a própria natureza da leitura rompe com o tempo físico acelerado em que vivemos, oferecendo como refúgio a atemporalidade das narrativas. Se a explosão das *megastores* nos anos 1990 foi um choque para os frequentadores das livrarias de bairro, o fim de parte dessas paquidérmicas estruturas nos Estados Unidos, mais se assemelha à extinção de uma espécie rara, que reinou por pouco tempo e sumiu repentinamente.

O que choca nessas transformações é a força impressionante da tecnologia na cultura atual. O crescimento nas vendas digitais é tão feroz, que em 2010 a Barnes vendeu mais livros nesse formato do que os em papel nos seus mais de 700 pontos de venda espalhados pelo país. Ao passo que, assim como nas mudanças ambientais mais brutais, os novos predadores expõem números cada vez mais imponentes.

Amazon, o iTunes da Apple, Google. O futuro parece apontar para uma nova relação entre leitor e livrarias, uma relação longe do mundo físico. E não deve causar estranhamento nos próximos anos, a existência de uma quantidade significativa de consumidores que nunca tenham comprado em livrarias físicas, que não possuam exemplares em papel.

A instabilidade econômica e a avalanche digital combinadas vão demolindo o mercado livreiro nos Estados Unidos

Longe de qualquer fantasia anacrônica, é interessante perceber como a sociedade vai se organizando em terreno cada vez mais previsível. A troca do ambiente físico pelo ambiente virtual instaura um novo modelo de escolha delimitado a partir de opções alheias. Não que o mundo físico também não opere dentro dessa ordem, mas nele ainda há espaço para trabalhar em suas frestas. A livraria virtual, assim como nos mecanismos de busca, só nos oferece respostas ao que buscamos. E qualquer frequentador assíduo de livrarias sabe que o que menos se quer ao percorrer solitariamente suas seções e estantes é encontrar o que já se conhece. Passar horas por mês numa livraria é um modo de romper com as regras pragmáticas em que operamos. Não ter uma finalidade precisa. Algo caro à atividade da leitura.

O que se diz nos Estados Unidos é que a própria estrutura das livrarias – cafés, palestras, amplas seções de revistas – feitas para aumentar o tempo de permanência nas lojas, vai corroendo o negócio em suas entranhas. Os leitores utilizam o conforto e a comodidade desse imenso acervo para ler ou descobrir novas obras, que podem ser adquiridas, posteriormente, a preços menores, em edições digitais numa das inúmeras livrarias digitais espalhadas pelo mundo cibernético.

No Brasil, se ainda as grandes livrarias seguem pujantes, e o livro digital dá seus primeiros passos, é o comércio de rua que desaparece. Ao contrário de Manhattan, onde as grandes lojas e uma ampla rede de bibliotecas ocupam as ruas da cidade, por aqui observamos a privatização dos espaços de convívio,

que alteram significativamente nosso modo de nos relacionarmos com o mundo.

O domínio da indústria da alta tecnologia altera de modo definitivo os hábitos de consumo dos leitores, mexendo na base dessa relação – o suporte físico e o modo de mediar a compra desses novos produtos. No Brasil, a mediação segue ainda um modelo arcaico, que materializa no espaço cultural a aberração da nossa falta de políticas urbanas, a dependência atroz do automóvel nos grandes centros urbanos, o afastamento sistemático do cidadão das ruas da cidade.

Quando pensamos em comprar uma calça, tomar um café, e, ainda mais simbolicamente, quando desejamos usufruir de produtos culturais, e nossa única opção concebível é retirar o carro das garagens para guardá-lo numa vaga num centro de compras, optamos em terceirizar a mediação das nossas futuras escolhas.

Essa vida social privatizada expõe assim uma ideia de riscos controlados nas relações do homem com a cidade. Como se as fantasias de segurança e assepsia que alimentam essas escolhas, nos protegesse de nossos medos mais profundos, quando, sem nos darmos conta, o que afirmamos com essas práticas é a impossibilidade de usufruir de escolhas que desconhecemos. Não por acaso, é essa instância que por séculos alimenta a busca dos homens por livros e a atração irresistível pelas cidades. Uma ambição de conhecimento, um desejo de liberdade que, como as megastores americanas, parecem seguir em rota de extinção. 